

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

A EXPRESSÃO DA POSSE NO PORTUGUÊS FALADO EM FEIRA DE SANTANA-BA

Rosiane Silva de Almeida¹; Silvana Silva de Farias Araujo²

1 Bolsista IC/ FAPESB, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: zianeziarfsa@hotmail.com

2 Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: siluefs@ig.com.br.

PALAVRAS-CHAVE: pronomes possessivos, variação, mudança.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o sistema de representação de posse, levando-se em conta seus diferentes usos no que se refere às formas *nosso* e *da gente*. Trabalhando com um *corpus* representativo do vernáculo feirense, pretendeu-se com esse estudo analisar como e quais fatores são preponderantes nesse processo de variação.

A opção pela fundamentação na Sociolinguística Variacionista, conforme os postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1963, 1972, 1982, 1994), deu-se por que tal teoria já demonstrou ser coerente e metodologicamente eficaz para a descrição dos sistemas linguísticos como um fenômeno heterogêneo e variável, bem como pelo fato de essa teoria já ter comprovado ser um poderoso recurso na identificação de processos de mudanças nas comunidades de fala, ao conjugar variáveis linguísticas a variáveis extralinguísticas.

A hipótese que levantamos foi de que há uma forte relação entre a referência pessoal e a referência possessiva, ou seja, nos casos em que o informante utiliza a forma *a gente*, em referência a primeira pessoa do discurso no plural, utilize, com maior frequência a forma *da gente*, para a referência à posse a tal pessoa do discurso. Da mesma forma, o pronome pessoal *nós*, deve favorecer a ocorrência do possessivo *nosso*.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a construção dessa pesquisa, foi necessária a coleta de dados por meio de 45 entrevistas gravadas tanto na zona urbana como na zona rural de Feira de Santana.

As amostras da pesquisa foram constituídas no âmbito do projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano - fase III*, sediado no NELS (Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa da UEFS). Assim, buscou-se estabelecer uma distribuição equilibrada dos informantes segundo as variáveis sociolinguísticas consideradas: faixa etária, sexo, comunidade, relação com a migração.

Durante a coleta de dados, foram descartadas várias construções que, apresentam uso cristalizado na língua portuguesa, o que gera contexto categórico, não sendo passível a variação como : “Ia na excursão de **Nossa** Senhora Aparecida” (Inf J. Sexo feminino, 76 anos) / “...a primeira de muitas **da gente** amanhecer o dia vivo e ta aqui trabalhando...(Inf: R. S. sexo feminino, 54 anos)

Na análise da variação *nosso* (*a*) (*s*)/ *da gente* foram propostas doze variáveis, das quais oito são de natureza linguística e quatro sócio-culturais. Das variáveis averiguadas, o programa de regras variáveis – VARBRUL – selecionou apenas cinco como relevantes do

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

ponto de vista estatístico em ordem decrescente de relevância (tendo comportamento significativo em favor do uso da forma analítica *da gente*) são elas: a) paralelismo discursivo, b) distribuição da posse, c) presença de determinante, d) sexo, e) faixa etária. As outras variáveis explanatórias controladas (paralelismo formal, morfologia pobre e morfologia rica, nível de referencialidade do referente possuidor, tipo de posse, comunidade e relação com a migração) não foram consideradas pertinentes na rodada global do *corpus*.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A hipótese que tínhamos foi comprovada. Percebemos que quando o informante utiliza a forma *nós* com referência a primeira pessoa do discurso no plural utiliza com maior frequência a forma *nosso*, na ordem de 75% como mostra a tabela:

Tabela 1 - Variação *nosso(a)(s)* e *da gente* no português falado em Feira de Santana-Ba de acordo com a variável *paralelismo formal*

	<i>da gente</i>	<i>nosso(a)(s)</i>
Precedido por <i>nós</i>	1/4 25%	3/4 75%
Precedido por <i>a gente</i>	35/60 58,3%	25/60 41,7%
Total	36/64 56,2%	28/64 43,8%

As variáveis explanatórias socioculturais

A variável explanatória sexo mostrou-se muito importante para o entendimento da variação *nosso* e *da gente*, conforme podemos depreender a partir da leitura do gráfico apresentado a seguir:

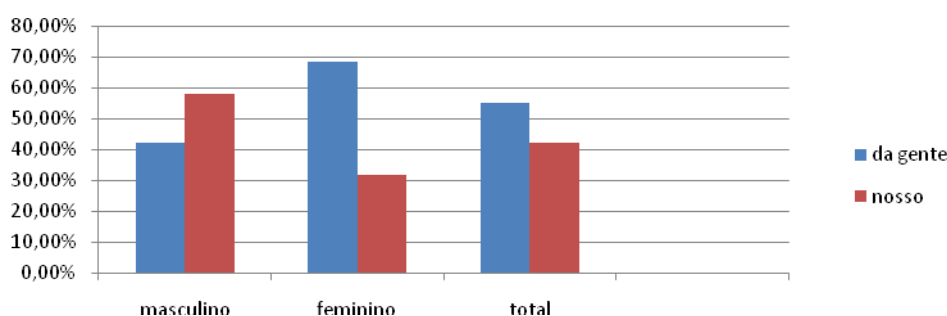


Gráfico 1- A variação *nosso(o)(s)* e *da gente* no português falado em Feira de Santana BA, segundo a variável sexo/gênero.

Os resultados revelam que o sexo dos informantes influencia no uso das formas *nosso* e *da gente*. Entre os informantes do sexo feminino, por exemplo, as duas formas aparecem com uma diferença considerável; 68,3% das mulheres utilizam a forma *da gente* enquanto 31,7% utilizam *nosso*. Em relação aos informantes do sexo masculino constatamos que estes utilizam mais a forma *nosso* 58,1%, que *da gente* 41,9%.

Em relação à variável faixa etária, tivemos a hipótese de que a forma inovadora *da*

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

gente seria mais utilizada pelos mais jovens.

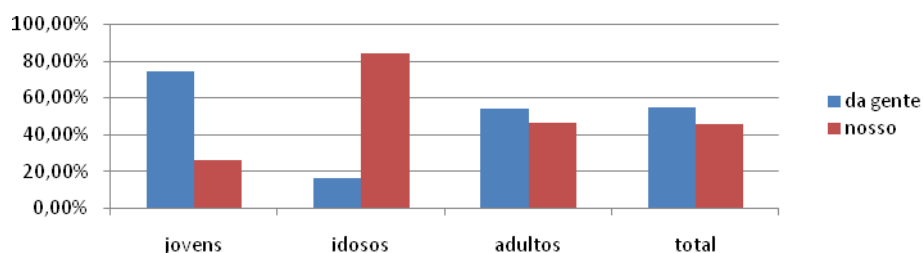


Gráfico 2- Uso das formas *nosso(a)(s)* e *da gente* por faixa etária em Feira de Santana BA

Como podemos observar, há uma tendência maior entre os idosos faixa III de utilizarem a forma *nosso* 84,2% contra 15,8% de *da gente*. Já entre os jovens percebemos o contrário, há uma frequência maior no uso de *da gente* 74,4% contra 25,6% de *nosso*.

Na rodada dos dados, o programa GOLDVARB considerou como irrelevantes algumas variáveis, como já mencionamos anteriormente. Mas, mesmo assim, resolvemos analisar as influências destas no uso de *nosso* e *da gente*.

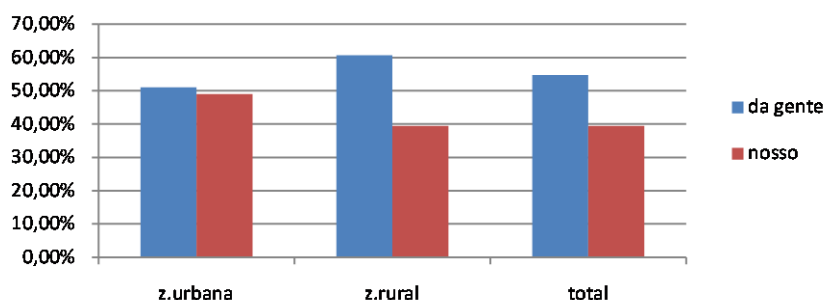


Gráfico 3- Uso da forma *da gente* de acordo a variável comunidade

Como mostra a tabela acima, há maior frequência no uso da forma *da gente* na zona rural (Matinha). São 60,6% da forma pronominal *da gente* contra 39,4% da forma *nosso (a)(s)*. No entanto, na zona urbana, essa diferença é mais sensível como mostra o gráfico.

Na análise dos dados, percebemos que alguns fatores favorecem o uso da forma *da gente*. Essa observação só é possível devido aos resultados fornecidos pelo programa estatístico-probabilístico GoldVarb, que fornece pesos relativos, ou seja, a importância de cada fator para a análise da forma investigada (nesta pesquisa, a variante *da gente*). Eis os resultados:

Tabela 2- Variáveis e fatores selecionados como favorecedores ao uso da forma *da gente* em todo *corpus* analisado

Variável	Fator condicionador	n°. de ocorrência/total	Freq.	P.R.
Paralelismo discursivo	Forma isolada	31/48	64.6%	.66

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Distribuição da posse	Posse coletiva	18/28	64.3%	.73
Presença de determinante	Com determinante	36/47	79.6%	.75
Sexo	Feminino	28/41	68.3%	.75
Faixa etária	Jovens (faixa I)	29/39	74,4%	.75

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das nossas análises, podemos traçar o percurso da expressão de posse referente ao “eu ampliado”. Dessa forma percebemos que alguns fatores se mostraram relevantes nesse processo como presença de determinante, paralelismo discursivo, distribuição da posse, sexo e faixa etária.

Assim, a língua portuguesa no semiárido baiano traz, portanto, à disposição da comunidade científica um precioso acervo de fala vernácula, que propicia investigações sistemáticas sobre a realidade linguística do português do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Nosso, da gente e de nós: um estudo sociolinguístico da expressão de posse no português rural afro-brasileiro. 2005 224f. Dissertação (mestrado em letras e linguística- Instituto de Letra, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2005.
- ARAUJO, Silvana Silva de Farias (2000). Possessivos de terceira pessoa em textos escritos. In: Anais da XVIII Jornada de Estudos Linguísticos – GELNE. Salvador-Ba, Brasil, 2000. (Publicação em CD).
- BOAVENTURA, Eurico Alves. Fidalgos e vaqueiros. Salvador: Editora da UFBA, 1989.
- CALLOU, Dinah (1996). Caminhos e perspectivas da Dialectologia e da Sociolinguística no Brasil: variação e ensino. In: CARDOSO, Suzana (org.) Diversidade linguística e ensino. Anais do Seminário Nacional sobre a diversidade linguística e o ensino da língua materna. Salvador. UFBA/ PPGLL, p. 99-104.
- SCHERRE, Marta Maria Pereira; NARO, Anthony Julius (1993). Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. D.E.L.T.A., v. 9 n°1, p. 1-14.
- LABOV, William. Principles of linguistic change. Oxford: Blackwell Publishers, v.1. 1994.
- LIMEIRA, Kely. Norma implícita, norma explícita e variação. Ao pé da letra. 2000. Disponível em: www.revistaopedaleta.net/.../Kely_Limeira--Norma_explicita_normas_. Acesso em 20 de maio de 2010.
- MOLICA, Maria Cecília. Introdução a sociolinguística: O tratamento da variação. Org 2 ed. São Paulo: contexto. 2004.